



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM POLÍTICO-SOCIAL DE RONALDO
JOSÉ DA CUNHA LIMA EM CAMPINA GRANDE - (1959-1968)**

MANOEL MISSIAS DA SILVA

**CAMPINA GRANDE
ABRIL - 2017**

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM POLÍTICO-SOCIAL DE RONALDO
JOSÉ DA CUNHA LIMA EM CAMPINA GRANDE - (1959-1968)**

MANOEL MISSIAS DA SILVA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Benjamim Montenegro

CAMPINA GRANDE

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586c

Silva, Manoel Missias da.

A construção histórica da imagem político-social de Ronaldo José da Cunha Lima em Campina Grande – (1959-1968) / Manoel Missias da Silva. – Campina Grande-PB, 2017.

52 f. : il.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. José Benjamim Montenegro".

Referências.

1. Imagem Cultural Política – Ronaldo José da Cunha Lima – Campina Grande-PB. 2. Cultura Política – Campina Grande-PB. 3. Ronaldo Cunha Lima – Histórica Política. I. Montenegro, José Benjamim. II. Título.

CDU 316.7(813.3)(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

MANOEL MISSIAS DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM POLÍTICO-SOCIAL DE RONALDO
JOSÉ DA CUNHA LIMA EM CAMPINA GRANDE - (1959-1968)**

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Benjamim Montenegro

Orientador

Prof. Mestre José Valmir Oliveira Torres

Examinador

Prof. Mestrando Marco Antônio da Silva Batista Neto

Examinador

Dedico

Ao construtor do universo que me possibilitou experienciar a elaboração desse trabalho e, a minha família (país, filhos e esposa) por ter me ajudado e compreendido minhas ausências cotidianas.

AGRADECIMENTOS

Quando chegamos ao final de uma jornada, temos a firme convicção de que não realizamos tudo sozinho, ao exigirmos da memória, nos damos conta do quanto fomos ajudados, desafiados, exigidos, provocados, e por todas essas emoções vivenciadas quero registrar a minha mais sincera gratidão.

- Aos meus pais que são o que de melhor vive em mim, sem o apoio deles meus desejos e metas não fariam nenhum sentido, **Rita Maria de Sousa Silva e Arlindo Julio da Silva**.
- Aos meus filhos Mateus e Iviny que tanto conseguem me modificar através dos exemplos de excelentes filhos que são.
- Em especial a minha esposa que mesmo diante dos afazeres do dia a dia esteve ao meu lado dando força e colaborando enormemente na conquista do objetivo.
- Ao professor Benjamim por ter aceitado o convite de ser meu orientador e pelos conselhos na montagem desse enorme quebra-cabeça.
- Aos amigos e amigas que por ora continuam em nosso ciclo acadêmico como é o caso de Rafael e Rodrigo companheiros dos longos debates e confissões, as amigas Daniela, as duas Julianas e Leda pessoas do meu agrado, otimistas e alegres inundadas de carismas e boas conversas. A todas as pessoas que conheci ao longo dessa enorme caminhada acadêmica.
- Aos amigos Diogo e Diego que com inúmera frequência pedia-lhes assistência sendo sempre socorrido com colocações apropriadas e adequadas para o trabalho.
- A todos os amigos de profissão que colaboraram nos momentos em que me encontrava de serviço e pude sair para assistir aula.
- A todos os professores que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. MUITO OBRIGADO!

*“Considerarei que ainda nas linguagens humanas não há proposição que não implique o universo inteiro; dizer o **tigre** é dizer os tigres que o engendraram, os cervos e tartarugas que devorou, o pasto de que se alimentaram os cervos, a terra que foi mãe do pasto, o céu que deu à luz a terra.”*

(Jorge Luís Borges – A Escrita do deus)

RESUMO

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM POLÍTICO-SOCIAL DE RONALDO JOSÉ DA CUNHA LIMA EM CAMPINA GRANDE - (1959-1968)

O trabalho versa analisar a formação da imagem cultural política de Ronaldo José da Cunha Lima em Campina Grande – PB de 1959-1968. Com base na problematização buscamos compreender a predominância do poderio político da família ‘Cunha Lima’ construído junto à sociedade campinense. Assim, foi necessário que fizéssemos uso de uma variedade de fontes, como jornais, imagens, aporte bibliográfico bem como o uso da própria literatura de Ronaldo. A partir desses documentos procuramos investigar e problematizar a constituição social, cultural e política de Ronaldo Cunha Lima frente às mudanças urbanas, as aparições em lugares institucionais de poder, suas atuações junto ao grande público com vistas à legitimidade popular, o desempenho nas campanhas eleitorais, o ser poeta na política, como também, sua performance política diante do governo militar instaurado em 1964, sobretudo, com ênfase para o anúncio de sua cassação pelo regime ditatorial. Através desses apontamentos, recorreremos ao campo teórico da Nova História Política e seus possíveis diálogos com o conceito de Cultura Política na obra de Serge Berstein. Posto isso, foi possível verificar que Ronaldo Cunha Lima utilizou várias estratégias políticas e pessoais na composição do seu legado de poder político ao longo do tempo. Acreditamos que este estudo visa contribuir acerca de uma maior criticidade política para com os atores sociais que se apropriam do poder.

Palavras-chave: História. Política. Cultura Política. Ronaldo Cunha Lima.

ABSTRACT

THE HISTORICAL CONSTRUCTION OF RONALDO JOSÉ DA CUNHA LIMA'S POLITICAL-SOCIAL IMAGE IN CAMPINA GRANDE (1959-1968)

This work intends to analyze the formation of Ronaldo José da Cunha Lima's cultural and political image in Campina Grande/PB, between 1959 and 1968. Based on the problematization, we sought to understand the predominance of the political power of the 'Cunha Lima' family, built next to Campina Grande society. For this purpose, it was necessary to use a variety of sources, such as newspapers, images, bibliographical contributions as well as Ronaldo's own literature production. From these documents, we investigated and problematized the social, cultural and political constitution of Ronaldo Cunha Lima in face of urban changes, his appearances in institutional places of power, his actions with the general public aimed to acquire popular legitimacy, his performance in electoral campaigns, his life as a poet in politics, as well as his political performance in face of the military government established in 1964, with emphasis to the announcement of his term's nullification by the dictatorial regime. Through the analysis of these elements, we resorted to the theoretical field of the New Political History and its possible interactions with the concept of Political Culture in the work of Serge Berstein. As a result, it was possible to verify that Ronaldo Cunha Lima used a variety of political and personal strategies in the composition of his political power legacy over time. Thus, this study aims to contribute to a greater political criticality towards the social actors who seize power.

Keywords: History. Politics. Political culture. Ronaldo Cunha Lima.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - CAMINHOS E TRAJETORIAS DE UM PROJETO POLÍTICO EM FORMAÇÃO	15
1.1 - Anunciando Ronaldo Cunha Lima no tempo e espaço.....	15
1.2 - O Espetáculo da política em Ronaldo: A eleição de 59 e as motivações do voto.....	18
1.3 - Ronaldo Cunha Lima: Popular ou Populista, eis a questão?.....	23
CAPÍTULO II - ENREDOS DE UM PERÍODO EM EBULIÇÃO 1964: RONALDO NO LIMAR DA DITADURA	31
2.1- Entre as lideranças petebistas, novos espaços novas identidades.....	31
2.2- RONALDO: Reeleição e a Ditadura em marcha.....	34
2.3- Desempenho, Vitória e Cassação.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
FONTES DOCUMENTAIS	52

INTRODUÇÃO

Operar na escrita da história nos conduz a deslocamentos e permanências referentes à de um “Nômade”, levado a passeios no universo que se faz desvendar e conhecer cheio de mistérios e aventuras, na medida em que, em contato com vestígios e sinais deixados pelo o homem ao longo de sua existência codificados em práticas, discursos, símbolos, espaços, dilemas, indivíduos, etc., transcorrem num processo de diálogo constante, seja naquilo que está posto ou silenciado.

O historiador é uma obra de arte em eterna construção. Ao passo que se encontra acorrentado em normas e preceitos legais institucionais quando na elaboração do seu ofício, contudo, carrega consigo o poder da subjetivação na produção dos sentidos, conjecturando passado e presente numa relação tênue entre ficção e realidade.

O caminho escolhido pelo o historiador encontra-se cheio de desejos e interesses, assim o é na vida, um analista em serie que percebe a não linearidade da existência, mas a complexidade histórica, cotidiana, habitual.

Diante desses contornos destaco o historiador francês Jean-François Sirinelle (2013) o qual em entrevista no Brasil disse: “*um historiador é alguém que constrói uma reação em cadeia*”, ou seja, assim como em outros campos do saber a produção historiográfica também se desloca ancorada em algo (preceitos, normas, teorias, etc..) desta forma, nosso estudo parte dos mesmos pressupostos de sustentação, vejamos a seguir, caro leitor.

Os primeiros passos dados em direção a elaboração dessa monografia aconteceu em uma aula da disciplina história da Paraíba II, na ocasião o docente que ministrava a aula fazia referência a algumas *lacunas históricas* sobre os estudos que compreendiam os acontecimentos da cassação de Ronaldo Cunha Lima no ano de 1969, pelos dirigentes militares que comandavam o país, após Ronaldo ter sido eleito em 1968 prefeito de Campina Grande.

Aquela sugestão me tirou o sono daquela noite, pois coincidiu com uma curiosidade que eu tinha em relação ao político Ronaldo Cunha Lima e sua trajetória de vida, mas que inquietava já há algum tempo, vejamos a idéia a principio: *qual era a origem da predominância política da família Cunha Lima em Campina Grande?* Era uma indagação da qual as respostas não me completavam, a curiosidade só aguçava ainda mais o desejo de entender e compreender as possíveis causas ou/e fenômenos que os tornavam tão senhores de Campina?!

Assim, não demorou muito para que o projeto monográfico fosse colocado em prática, sobretudo, porque desfruto de uma imensa afinidade e apreciação política local, em especial por Campina Grande.

Na busca por respostas, partimos dessa inquietação do presente que ora formulou a problemática em análise, fundamentado no ideal fornecido por Marc Bloch (2001, p.66) quando enunciou que “consciente ou não, é sempre a nossas experiências cotidianas que, para nuançá-las onde se deve, atribuímos matizes novos, em última análise os elementos, que nos servem para reconstituir o passado”.

Partindo dessa problemática objetivou-se analisar a formação cultural política da imagem de Ronaldo Cunha Lima, acerca de suas atuações e comportamentos político-sociais, bem como, suas aparições e discursos nos lugares formadores de poder na Campina Grande de 1959 a 1968, sobretudo, com foco em específico, na lida em investigar as práticas e os feitos políticos e pessoais de Ronaldo Cunha Lima acerca do processo de construção da família Cunha Lima e seu poderio político.

O objeto norteador do nosso estudo o personagem Ronaldo Cunha Lima nasceu no dia 18 de março de 1936 no município de Guarabira, situada no agreste paraibano. Filho de um pai poeta e político, o qual seguira os mesmos passos, era o sexto de um total de onze irmãos, na década de 40 Ronaldo e a família mudam-se para Campina Grande.

A figura de Ronaldo Cunha Lima não está inserida em nosso trabalho na condição de nunca antes explorado, pois vários outros autores já discorreram sobre o mesmo, como é o caso da Tese de Doutorado elaborado pela professora Iolanda Barbosa da Silva¹ (2009) referencia no assunto. No entanto, acreditamos na relevância de nosso estudo na confiança de contribuir com a historiografia paraibana enfatizando o local, em destaque, Campina Grande, questionando e trazendo a luz da história perspectivas rompedoras da dita política tradicional. Nada melhor do que estudos dessa natureza voltados à compreensão da atmosfera política que envolve Campina Grande e seus desdobramentos sociais, econômicos e culturais.

Por conseguinte, para que pudéssemos desenvolver tais reflexões políticas as quais envolvem Ronaldo Cunha Lima e sua relação com o social, político e cultural tipificamos os debates voltados para a Nova História Política internalizada com a interdisciplinaridade e seus vários campos de saber que dialogam entre si. De modo, que o nosso aporte teórico-metodológico não se alicerça na exaltação da figura de Ronaldo nem tão pouco no

¹ Professora da UEPB Iolanda Barbosa da Silva: SILVA, Iolanda Barbosa da. **A CONSTRUÇÃO ESPETACULAR DO PERSONAGEM POLÍTICO RONALDO JOSÉ DA CUNHA LIMA** – João Pessoa/PB, 2009.

endeusamento do seu mito, e, sim, em percorrer alguns lugares de poder em Campina Grande geradores de uma Cultura Política. Assim, utilizamos para configuração do nosso estudo e sustentação de nossa tese o cruzamento de algumas fontes assentadas na análise de produções bibliográficas, imagens e jornais.

No caso da fundamentação teórica traçamos o diálogo com o campo da Nova História Política cujo retorno na década de 70, após um tempo no ostracismo², trouxe consigo novas perspectivas na construção do conhecimento histórico no campo da política, isto porque, a tradicional história política sofria muitas críticas como nos relata o historiador francês Jacques Julliard:

A história política é psicológica e ignora os condicionamentos; é elitista, talvez biográfica, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora as séries; o seu objetivo é particular e, portanto, ignora a comparação; e narrativa e ignora a análise; é idealista e ignora o material; é ideológica e não tem consciência de sê-lo; é parcial e não o sabe; prende-se ao consciente e ignora o inconsciente; visa os pontos precisos, e ignora o longo prazo; em uma palavra, já que esta palavra tudo resume na linguagem dos historiadores, é uma história factual. (JULLIARD, 1988, p. 180-181).

Era uma história voltada para os grandes personagens e fatos históricos onde estava relegado a problematização, diante desse contexto, o historiador francês René Rémond (1996 p. 18), líder do movimento em 70 e, que trouxe uma nova visão historiográfica do político concluiu que “*havia chegado a hora de passar da história dos tronos e das dominações para a dos povos e das sociedades*”. (Grifo nosso)

Na esteira da Nova História Política optamos por realizar um diálogo interdisciplinar na medida em que nos apropriamos do conceito de Cultura Política na concepção do francês historiador Serge Berstein³. Tal conceito carrega consigo múltiplos sentidos, desde seu surgimento no período compreendido como pós-segunda grande guerra por estudiosos norte americanos⁴, logo, afirmamos que não é nossa intenção realizar um estudo aprofundado sobre o conceito em voga e, sim, teorizá-lo em nosso trabalho com base no que Serge Berstein anuncia. Para tanto, Berstein nos conduz para alguns possíveis alinhamentos do nosso estudo com relação à definição do conceito de Cultura Política da seguinte ordenação:

² Para saber mais sobre a Nova História Política ver: RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René. (Org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, (1996, p. 13-36); FALCON, Francisco. História e Poder. In: **Domínios da História**. Ensaios de Teoria. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 61-89.

³ Historiador Francês que se tornou um dos primeiros a se aprofundar no conceito de Cultura Política na historiografia francesa.

⁴ Para entender mais sobre a origem do conceito de Cultura Política vide: BAPTISTA, Leonardo. **O conceito de cultura política**: Das origens na ciência política Norte-americana à historiografia contemporânea. Anais do V Encontro Internacional / UFES/Paris-Est. (p. 664-677).

“os historiadores entendem por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político”. (BERSTEIN, 2009, p. 31)

Ao nos aproximarmos de Ronaldo Cunha Lima como sujeito do seu tempo investigamos e apresentamos os caminhos de sua trajetória não de forma linear, estável, mas com percursos diversos e oscilações na sua existência, expresso por um conjunto de atuações inserido na sociedade com vistas a compreendermos através dos instrumentos e elementos fornecidos pela concepção da Cultura Política⁵.

Na aceção de Serge Berstein está implícita, principalmente no decorrer de sua obra, a prática política apropriada e realizada por Ronaldo Cunha Lima no seio social campinense quando associa as grandes famílias nesse processo, cujos determinados lugares de construção do político ou do individuo se fazem entender numa passagem de Serge Berstein que discorre sobre as bases sociais de compreensão da Cultura Política conforme citação abaixo:

“Não menos que a extensão do prazo, os vectores pelos quais passa a integração dessa cultura política merecem que se lhes dê atenção. Verificar-se-á sem surpresa que estes canais são precisamente os da socialização política tradicional. Em primeiro lugar, a família, onde a criança recebe mais ou menos directamente um conjunto de normas, de valores, de reflexões que constituem a sua primeira bagagem política, que conservará durante a vida ou rejeitará quando adulto. Depois, a escola, o liceu, a universidade, que transmitem, muitas vezes de maneira indirecta, as referências admitidas pelo corpo social na sua maioria e que apóiam ou contradizem a contribuição da família. Vêm depois as influências adquiridas em diversos grupos onde os cidadãos são chamados a viver”. (BERSTEIN, 1988, p. 356)

A concepção de ampliação do significado do conceito de Cultura Política a partir de Serge Berstein nos possibilita ampliarmos a perspectiva de uma análise ampla e em vários aspectos sobre a personagem de Ronaldo. Em proximidade ao que foi dito, reforço novamente com o pensamento do historiador francês Serge Berstein ao ajuste dado quando da utilização da cultura política e sua percepção nas variadas atuações humanas, visto que, acreditamos fazer todo sentido ao nosso estudo elaborado:

E se a cultura política responde melhor à sua expectativa é porque ela é, precisamente, não uma chave universal que abre todas as portas, mas um fenómeno de múltiplos parâmetros, que não leva a uma explicação unívoca, mas permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos. (1988, p. 350).

⁵ Para entender mais sobre a o conceito de Cultura Política vide: BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, (1998, p. 349-364).

Partimos assim de uma análise de cunho localizado, adaptando, como se refere à citação acima, a prática política do personagem Ronaldo ao contexto da Cultura Política que o acompanha.

As duas obras que deram sustentação historiográfica na elaboração de nossa narrativa, obviamente, além de toda leitura e documentos analisados, foram às obras: *Ronaldo Cunha Lima - a trajetória de um vencedor - 2015* (José Octávio) e *Nacionalismo & Coronelismo - 1988* (Josué Sylvestre) esta última com caráter também de fonte, uma vez que, seu autor além de contemporâneo de Ronaldo Cunha Lima também fez reunir um acervo documental imenso como (depoimentos, jornais, documentos, imagens, etc..) de grande valia para o trabalho do historiador interessado nessa temática.

Acerca do marco temporal que envolve nosso trabalho optamos por apresentar no momento do desfecho dos capítulos. Com isso, contaremos toda essa trama política que abrange não só Ronaldo Cunha Lima, mas a sociedade campinense em dois capítulos.

Partimos da escolha em dividir o trabalho no tempo da seguinte forma: Em uma única escala de 1959 a 1968 e, depois em dois períodos em razão da ruptura social ocorrida com a implantação da ditadura militar em 64. No primeiro capítulo estão inseridas as duas primeiras eleições públicas as quais Ronaldo participara para vereador em 59 e 62 para deputado estadual. Momento esse que regia a República Democrática. Enquanto que o segundo capítulo também repetiu duas eleições, porém no momento de regime de recessão pós-64, onde Ronaldo disputou os pleitos de 66 para deputado estadual novamente e prefeito em 68. Sendo que cada capítulo encontra-se dividido em três subtemas.

O primeiro “Caminhos e Trajetórias de um Projeto Político em Formação” consiste em analisar a formação social-político de Ronaldo Cunha Lima, bem como; sua aproximação aos espaços políticos de poder; busca refletir acerca das transformações urbanas e políticas visando a inserção de Ronaldo nesse espaço; problematiza a legitimação popular acerca de Ronaldo.

Tratando do segundo capítulo “Enredos de um Período em Ebulição 1964: Ronaldo no Limiar da Ditadura”, buscamos analisar o desempenho e fortalecimento político em meio às inúmeras identidades de Ronaldo; em seguida compreender a relação de Ronaldo com o grupo que detinha o poder em meio às inúmeras cassações; por fim, discutir as estratégias de Ronaldo na campanha de 68 e as possíveis razões de sua cassação.

Muito embora Ronaldo venha ser o objeto de condução na trama em questão, outros sujeitos históricos se fazem aparecer dinamizando as relações sociais que nos conduz a

apontamentos e lembranças de uma campina grande a ser desbravada ainda mais politicamente.

O convite está posto, embarque nessa aventura, caro leitor, e que por um momento sintá-se um “Nômade”, pois este ao se instalar num lugar só o deixa quando o explora no seu máximo, podendo ser ainda revisitado outras vezes.

CAPÍTULO I

CAMINHOS E TRAJETÓRIAS DE UM PROJETO POLÍTICO EM FORMAÇÃO

1.1 Anunciando Ronaldo Cunha Lima no tempo e espaço

CAMPINA GRANDE

Campina é uma família,
jóia pura, ouro em pó,
dês sua Nova Brasília,
por todo Bodocongó.
Pelo agrado de seus bairros,
não perco num bairro só.
Essa cidade eu amo.
Por isso mesmo é que
chamo
Campina de meu xodó.
(Ronaldo Cunha Lima)

A cidade de Campina Grande se tornou o palco político por excelência de Ronaldo José da Cunha Lima⁶ ao longo de sua vida pessoal e profissional. Embora Ronaldo Cunha Lima tenha sido marcado como “filho de Campina”, foi na cidade de Guarabira⁷, localizada no Agreste paraibano, que nasceu Ronaldo em 18 de março de 1936.

As raízes de pertencimento a cidade natal não se fizeram aprofundar, Ronaldo Cunha Lima e família no ano seguinte deixam Guarabira motivados pela nomeação do seu pai Demóstenes Cunha Lima para prefeito do município de Araruna pelo então interventor da Paraíba Argemiro de Figueiredo em 21 de Dezembro de 1937. A família Cunha Lima, tida como classe média local, residiu no engenho em Cuitegi, à época distrito de Guarabira, até 1935, neste mesmo ano, após uma enchente do rio Cuitegi que atemorizou aquela localidade, fez com que os pais de Ronaldo Cunha Lima juntamente com outros quatro filhos – Aluizio,

⁶ A partir desse momento ao se referir a Ronaldo José Cunha Lima serão utilizadas outras formas de nomeá-lo no corpo do texto como: Ronaldo, RCL, Cunha Lima.

⁷ Guarabira é um município do estado da Paraíba, no Brasil. É uma das cidades mais populosas do estado. Situa-se a 98 quilômetros da capital estadual João Pessoa; a 100 quilômetros de Campina Grande, mais populosa cidade do interior paraibano; a 198 quilômetros de Natal, a capital do Rio Grande do Norte; e a menos de 250 quilômetros do Recife, a capital de Pernambuco. É chamada de "Rainha do Brejo" pelo fato de ser a principal cidade-polo de uma região que se caracteriza pela regularidade de chuvas. Geograficamente, não está inserida na Microrregião do Brejo Paraibano por ter uma região própria que leva o seu nome, ou seja, a Microrregião de Guarabira, mas torna-se uma importante referência política e econômica na região do Brejo. (Fonte: Wikipédia, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarabira> - Acesso em 16/03/2017).

Ivandro, Lúcio e Zélia – decidissem se instalarem em Guarabira recorrendo a “segurança” do meio urbano. Demóstenes Cunha Lima, pai de Ronaldo, não teria tantas dificuldades em se estabelecer na área urbana muito por conta das influências políticas e do lugar social que ocupava, portanto conseguiria um trabalho no serviço público estadual como nos relata José Octávio de Arruda Mello (2015, p. 53) “Demóstenes, com a ajuda do Cônego Bandeira, conseguiria o emprego de agente fiscal do Estado”.

A matriarca da família Cunha Lima a Sra. Francisca Bandeira Moura da Cunha, a dona Nenzinha, como era chamada por familiares e amigos, chegara à cidade de Guarabira já grávida, Ronaldo seria o sexto filho a nascer de um total de onze. Aos dois anos, RCL agora domiciliado com os pais e os irmãos na cidade de Araruna vê a brevidade de permanência no aludido lugar não ganharem fôlego pelo pouco tempo que ali passaram, visto que, o pai de Ronaldo fora exonerado do cargo em 29 de julho de 1940 por razão da mudança dos interventores promovida pela ‘ditadura varguista’⁸ cujo primeiro ciclo encerrou em 1945, saía Argemiro de Figueiredo e assumia Rui Carneiro a Paraíba.

É nesse cenário de expressivas decisões e mudanças políticas que Ronaldo Cunha Lima e a família se mudam para Campina Grande na década de 40, e segundo Mello (2015, p.55) “A nova residência da família, na Rua Sólon de Lucena, imediações da Praça Antonio pessoa, ficava próximo ao centro e na fronteira da classe média-média”, ou seja, a família Cunha Lima desfrutava de um lugar físico na urbe que possibilitava está inserida nos movimentos políticos e sociais engendrada pelos grupos dominantes campinense.

Com a morte do pai em 1945, Ronaldo perde também o seu maior incentivador no mundo da poesia bem como o referencial do campo político. Ambiente esse que lhe atraía desde a infância propiciando ideais a ser alcançado, desejado e almejado na vida adulta, sentimento esse expressados por RCL em verso;

PRIMEIRA TRIBUNA

Comecei, logo cedo, a discursar,
com meu pai, diligente, a me ensinar,
desde os tempos felizes de Araruna.
Foi assim que compôs a sua idéia:
ele e meus irmãos eram platéia,
e a janela da casa era a tribuna.
(LIMA, 2004, p.19)

⁸ Foi o período no qual Getúlio Vargas permaneceu no poder governando o Brasil de 1930 a 1945. Para saber mais a respeito vide: NETO, Lira. **Do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)** - Lira Neto. 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

O mundo das letras e da representação política despertara em Ronaldo desde garoto, os comícios e suas multidões, os discursos elaborados proferidos nos palanques muito deles por poetas, os debates políticos no seio familiar, o calor das eleições que transcende as emoções do povo, enfim, elementos esses que figuraram RCL a trilhar caminhos que se construirão no decorrer de sua atuação enquanto ator social. Pensando nesse movimento cotidiano de socialização e vivência dos indivíduos acerca dos elementos formadores de uma cultura política anuncia Serge Berstein:

O simples bom senso indica que a organização e o funcionamento das sociedades, na medida em que concernem à vida cotidiana dos homens, são um importante fator explicativo dos comportamentos políticos, ainda que outras considerações intervenham ao mesmo tempo. (BERSTEIN, 2009, p. 35).

O que noticia Berstein vem operar na relação do âmbito coletivo e individual numa escala não determinista e, sim, expansionista de fatores que levam a uma apontada formação de conduta política.

Após a perda do pai, RCL passa a ter que conciliar trabalho e estudo para ajudar sua mãe no sustento dos vários irmãos, com isso, durante a juventude exerceu diversas atividades como: jornaleiro, radialista, professor, garçom, entre outras. Desta feita, de 1949 a 1952 estudou no colégio Pio XI onde cursou o ginásio com enorme destaque nas reuniões do grêmio literário. Em 1954, quando passou a estudar no Colégio Estadual da Prata se engajou definitivamente nos movimentos políticos estudantis, sendo que um ano antes ocorrera o assassinato do então vereador Félix Araújo⁹ e, Ronaldo, conforme ocasião era redator do jornal estudantil intitulado ‘Formação’ produzido pelo Centro Estudantil Campinense¹⁰ que publicou na primeira página um soneto de RCL a respeito do fato ocorrido, segundo Mello (2015).

Numa das primeiras eleições não pública na qual Ronaldo disputara como candidato a vice-presidente do Centro Estudantil Campinense na condição de chapa cruzada, conseguiu se eleger ao contrario do aspirante à presidente de sua chapa, diante disso, o historiador

⁹ A morte do político Félix Araújo em 1953 causou grande comoção à população de Campina Grande. **Félix de Souza Araújo** (Cabaceiras, 22 de dezembro de 1922 — Campina Grande, 27 de julho de 1953) foi um político brasileiro, vereador de Campina Grande, no estado da Paraíba. Também foi poeta, tribuno, secretário de governo, ensaísta, crítico literário, escriturário, livreiro, radialista, jornalista e conferencista. Félix Araújo foi assassinado em 1953, em razão da sua luta contra a corrupção administrativa. Foi pai de Félix Araújo Filho, prefeito de Campina Grande. (Fonte: PORTAL FEB, Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/felix-araujo-uma-vida-dedicada-ao-povo> - Acesso em: 15/03/2017).

¹⁰ Para saber mais a respeito do Centro Estudantil Campinense – CEC – ver: SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **Entre Práticas e representações: O Centro Estudantil Campinense como espaço de formação (1948-1964)** / Ajanayr Michelly Sobral Santana – Campina Grande, 2015.

paraibano José Octávio de Arruda Mello através de depoimento obtido em entrevista ao escritor José Moraes Lucas narra em sua obra;

“(...) os votos a mais de Ronaldo, em relação a seu companheiro de chapa, provinham da veia poética e do charme, principalmente junto ao eleitorado feminino, que o chamava de Ronaldo Coisa Linda. Por essa época, já era requisitado como atração pelos palanques partidários”. (MELLO, 2015, p. 67-68).

Essa última fala de análise sobre algumas circunstâncias que levaram Ronaldo a obter o resultado desejado na eleição representa certos aspectos de um determinado comportamento político em formação, sobretudo, quando são atribuídos novos valores e sentimentos nessa relação de interlocução entre o discurso político lúdico e os múltiplos significados que são gerados nos eleitores.

Após uma breve ancorada em situar os (des) caminhos do cotidiano (re) velado no tempo e espaço do personagem Ronaldo Cunha Lima, analisaremos em seguida as estratégias de Ronaldo que o levou a obter o terceiro maior número de votos para vereança na eleição de 1959 em Campina Grande.

1.2 O Espetáculo da política em Ronaldo: A eleição de 59 e as motivações do voto

Os personagens já estão apostos para mais uma representação, a platéia ansiosa aguarda o início do espetáculo, no palco se abrem as cortinas. O que está por vir? Assim como é no teatro é na vida, na política! Quem criou o teatro? Assim descreve Schwartzberg (1978, p.339) “Em toda parte, a cena pública é portanto monopolizada por um ator político, que transforma os cidadãos em espectadores e os militantes em figurantes”.

É a partir dessa concepção teatral no campo da política que analisaremos a atuação do ator social, Ronaldo Cunha Lima, nos demais roteiros que se apresentarão no decorrer desse subtema, acerca da formação do comportamento político em relação a sociedade campinense, cuja longa duração veio a transformar os (Cunha Lima) numa “marca” de legitimação pelo público (eleitores) que assistem as peças “bestializados”¹¹.

O cenário político campinense em fins da década de 50 se apresentava para RCL cercado de projeções e acontecimentos sócio-políticos que o projetaria à vida pública daquela

¹¹ O sentido da palavra empregada está associado à idéia de pouca criticidade ao jogo político.

localidade. Pois bem, com o fim da Era varguista em 1945, Campina Grande retomara a tão intensa e apaixonada vida política. Os estudantes desempenhavam papel fundamental na organização político-partidária de Campina Grande através do Centro Estudantil Campinense – CEC - fundado em 06 de outubro de 1935, conforme demonstra Mello:

Sob a liderança do Centro Estudantil Campinense, o movimento estudantil apoiava-se em Conselho de Representantes, destinado a representar o alunado dos quatro principais estabelecimentos de ensino secundário da cidade, levando-lhes orientação e estímulo à participação. O prestígio desses delegados era tão grande que se tornaram conhecidos como *deputados colegiais*. Na condição de um deles, Ronaldo (re) elegeu-se para o Conselho de Representantes do CEC e participou das campanhas do mano Fernando, presidente do Centro por duas vezes. (MELLO, 2015, p.67).

Ocorre que o viés das práticas estudantis propiciou a Ronaldo uma intensa participação e representatividade perante os estudantes campinenses, em especial do Colégio Estadual da Prata. Ações dessa natureza o levaram a assumir a função de redator do jornal intitulado ‘Formação’ produzido pelo CEC, como também, fora eleito vice-presidente do Centro em 1954, de acordo com a imagem a seguir;

Imagem nº 1- Ronaldo Cunha Lima discursando no CEC



(Fonte: SYLVESTRE, 1988, p.575.)

A imagem de Ronaldo discursando em sua posse como vice-presidente do CEC retrata muito mais do que uma cerimônia e, sim, como o Centro era abastecido e utilizado, em sua grande maioria, por pessoas que notadamente ascendiam à classe política local, para ilustrar o que foi colocado, basta vermos a figura de Raymundo Asfora, de terno branco, ao centro da

fotografia, personagem esse que seria eleito vereador nas eleições municipais de 55, logo, assinala Josué Sylvestre (1988, p. 573), que “o CEC era um laboratório de idéias; uma fortaleza de resistência democrática; *uma fábrica de líderes políticos*”. (Grifo Nosso)

É nesse panorama de atuação no CEC que RCL decide se candidatar a vereador em 59, a partir do convite do então candidato a prefeito Newton Rique, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), depois do episódio da ruptura de Argemiro de Figueiredo frente ao partido União Democrática Nacional (UDN) em 1958, fez com que as bases partidárias se reconfigurassem com vistas a novas adesões; anunciado assim por José Octávio de Arruda Mello:

“[...] quando João Agripino, controlando a UDN, dela virtualmente expulsou Argemiro, o trabalhismo vestira o antigo udenismoargemirista que o chefe procurava renovar para enfrentar o agripinismo, o americismo e o cabralismo. Isso foi compreendido pelos jovens que, imediatamente, constituíram o Comitê Pró-Ronaldo Cunha Lima à Câmara de Vereadores”. (MELLO, 2015, p.70)

O drama de encarar a primeira eleição pública, o primeiro papel como protagonista da peça política, demarca o início das múltiplas-faces em cena de um signo em construção do personagem Ronaldo Cunha Lima, o apoderamento da imagem passa a constituir novas formas de representatividade no limiar do representar/encenar, sobretudo, quando a prática aliada ao discurso político passa a suscitar no receptor/eleitor a sensação de pertencimento à ideologia sugestiva, portanto, acerca da tessitura imagética em consonância com o poder nos revela Roger-Gérard Schwartzberg:

“[...] a imagem faz conhecer ou reconhecer. Ela cria ou consolida a notoriedade ao servir de símbolo visível e tangível. Quando suficientemente caracterizada e individualizada, capta o interesse do público. O perfil, suficientemente trabalhado, prende sua atenção”. (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 12).

A imagem opera na fundação do ser político viabilizando tanto o conjunto de suas ações quanto na sua edificação simbólica. É nesse contexto de mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais que, diante da dimensão e do processo histórico, Ronaldo está inserido no surgimento de uma nova categoria política urbana em detrimento do elitismo rural, sobretudo, em virtude do aumento populacional campinense que não parava de crescer, da classe media urbana na qual só aumentava bem com da imensa participação no processo eleitoral, ou seja, Ronaldo, dentre a renovação do fazer política, consegue despertar através dos seus discursos a

atenção do público eleitor citadino em suas aparições nas campanhas eleitorais de 1959. Assim assevera Josué Sylvestre:

“O crescente processo de urbanização de campina grande, o intenso debate ideológico da campanha, a liberação do eleitor em decorrência do desenvolvimento cultural da comunidade, empurraram para as suplências quase todos os representantes do voto dos currais eleitorais”. (SYLVESTRE, 1988, p. 281)

Ronaldo é o estereótipo desse modelo político que está a surgir, novos códigos transformam não só o político, mas a relação com o eleitorado citadino. A imagem que segue, evidencia RCL em ação, em plena campanha a vereança de Campina Grande em 59, junto com o candidato a prefeito e banqueiro Newton Rique, discursando nas escadarias do mercado central para uma platéia aparentemente em silêncio, atenta:

Imagem nº 2- Ronaldo discursando na escadaria da feira central



(Fonte: SYLVESTRE, 1988, p. 221.)

Fica a indagação, por que se apresentar na feira? Não é um lugar por assim dizer ingênuo, mas, no entanto um espaço onde se pode atingir o inconsciente das pessoas

residentes de lugares diversos, pessoas de inúmeras classes sociais, um acolhido local de aproximação, de interação onde a sociabilidade atinge certo apogeu, subjetivam laços de afinidade onde se reconhecem no outro para com o outro. Assim, Ronaldo ritualiza o improviso dos versos nos momentos de encenação em comícios e passeatas diante de eleitores (platéia) atônitos aos que o ouvem.

Em uma de suas apresentações na campanha para vereança em 59, ao final de um comício versou Ronaldo Cunha Lima:

“E agora Campina Grande, que eu me dobre para pedir com o meu verso pobre, um pouco de clemência e de paixão. Não destruas a minha mocidade, matando o meu ideal de liberdade e ceifando esta grande ilusão, sou candidato e é um grande sonho, matar é tétrico, triste e medonho, é o pesar mais negro e mais profundo, derrotado é sair em desatino, criatura vagando sem destino, uma alma penando pelo mundo. Dá-me Campina esta oportunidade de te servir com a minha mocidade, de lutar com a minha rebeldia, eu te peço do amor sentindo o açoite mais um pouco de luz pra minha noite, mais um pouco de sol para o meu dia”. (LIMAb, 2014, p. 260-261).

Em outro momento, RCL expõe, também em verso, como foi apresentar-se pela primeira vez diante do público eleitor;

PRIMEIRO COMÍCIO

Fui ao primeiro comício
sem saber o que falar.
O anúncio foi um suplício:
nem sabia começar.
Temeroso e indeciso,
fiz uns versos de improviso
e consegui me firmar.
(LIMA, 2004, p. 67)

Tais atuações Ronaldianas¹² denotam as iniciais de um projeto político que remontam ideais, com vistas, a estabelecer uma “imagem de marca” conforme - Schwartzberg (1978, p. 12), no campo de atuação do espetáculo político e sua estruturação, o verso improvisado surge nesse contexto como um símbolo que o marcaria ao longo de suas campanhas eleitorais. RCL vence sua primeira aparição pública para vereador como o terceiro mais bem votado. Partindo desse desempenho, seguirmos ao analisarmos sua performance na conjuntura da eleição de 1962, na qual teve que demarcar novas fronteiras políticas acerca de sua

¹² Expressão que fizemos uso a partir do trabalho da Tese de doutoramento da Professora da UEPB Iolanda Barbosa da Silva: SILVA, Iolanda Barbosa da. **A CONSTRUÇÃO ESPETACULAR DO PERSONAGEM POLÍTICO RONALDO JOSÉ DA CUNHA LIMA** – João Pessoa/PB, 2009.

candidatura para o cargo de Deputado Estadual paraibano, vistas nas próximas cenas que se seguem.

1.3 Ronaldo Cunha Lima: Popular ou Populista, eis a questão?

Eis que a questão posta envolve uma rede complexa de referências e entendimentos, que, em confluência com o conceito de Cultura Política nos fornecem elementos norteadores e explicativos dos comportamentos políticos em análise. Todavia, Serge Berstein faz um alerta do quanto um grupo destacável socialmente torna-se referência, ao expor que:

“(...) as abordagens empíricas dos fenômenos políticos mostram claramente que os atos e comportamentos de atores políticos como os cidadãos se explicam mais frequentemente em função de um complexo sistema de representações, partilhado por um **grupo suficientemente expressivo** dentro da sociedade”. (BERSTEIN, 2009, p. 30-31). (grifo nosso)

Nesse jogo de representações sociais e práticas políticas, a figura de Ronaldo descortina os lugares que se faz notar, aparecer, atuar, provocando uma valorização da imagem por onde passava, alusão essa que reforça o dito e nos coloca em pé de reflexão junto a foto a seguir:

Imagem n° 3 Ronaldo em um bar com amigos



(LIMA, 2004, p. 181)

A imagem que se segue realça o lado boêmio de Ronaldo bem como o envolvimento e aproximação para com os do povo nos variados espaços de entretenimento. Apesar da fotografia não haver registro de sua autoria nem tão pouco referencia aos indivíduos captados pela imagem, apenas constando na literatura de Ronaldo sem descrição alguma, percebe-se o enfoque dado a uma possível celebração em um dado bar ou, talvez, o registro de Ronaldo em meio às bebidas e pessoas diversas.

Passado os primeiros anos no cargo público exercendo o mandato de vereador na câmara municipal campinense obtido em 59, Ronaldo junto a lideranças partidárias do PTB resolvem renovar as bases do partido lançando-o candidato a Deputado Estadual nas eleições de 62. Eleição essa que caminhou lado a lado com o período de turbulência acerca do movimento das ligas camponesas, pois no início deste fatídico ano do dia dois de abril ocorre o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira, residente em Sapé, desejoso defensor da reforma agrária bem como de melhores condições e direitos para o homem do campo¹³.

Ser de esquerda radical ou discursar em comícios expressando ideais de defesa dos problemas sociais era lançar grandes riscos a saúde quando seus opositores políticos se alicerçavam em grupos conservadores e grandes latifundiários, ocasião dessa natureza vivenciada por Josué Sylvestre, contemporâneo de Ronaldo, em campanha eleitoral na cidade de Alagoa Grande em ares paraibano relatou;

Fomos, falamos de forma altiva e corajosa para uma grande multidão de camponeses e um ajuntamento de capangas da usina que se postaram do outro lado da praça. Enquanto realizávamos o comício e ate sairmos dos limites do município, só esperávamos o pipocar dos tiros a qualquer instante. Graças a Deus nada aconteceu. (SYLVESTRE, 1988, p. 357)

Realizar campanhas para deputado estadual exigia ultrapassar os limites do poder local, em busca de votos em regiões hostis, com Ronaldo não foi diferente, em comício realizado em Cacimba de Dentro, onde versou o seguinte:

CACIMBA DE DENTRO

Candidato a Deputado,
vou a Cacimba de Dentro.
Para falar me concentro
e falo, preocupado,

¹³ João Pedro Teixeira foi um dos líderes do movimento das ligas camponesas onde se espalharam pelo Nordeste em busca de melhores condições para o homem do campo. Para mais informações ver: CARNEIRO, Ana; CIOCCARI, Marta. **Retrato da Repressão Política no Campo – Brasil 1962-1985** – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos / Ana Carneiro ; Marta Cioccarri ; – Brasília : MDA, 2011.

porque o clima criado
 é de uma grande tensão.
 Falo ao povo e digo, então,
 o que depois haverá:
 “Cacimba de Dentro sairá
 do terror e da opressão”.
 (LIMA, 2004, p. 69)

O poder da poesia em Ronaldo retrata um discurso protetor, encantador e aproximado das classes populares, o espetáculo proporcionado por RCL na política se compara a tantos outros no campo da cultura nordestina presente no cotidiano das pessoas como: cantador de viola, literatura de cordel e poetas diversos.

Para tanto, conseguir o apoio popular exigia de Ronaldo uma campanha onde sua atuação acolhesse a lida com o povo mais carente, a forma de fazer política mudava à medida que a população sofria também suas transformações, sobretudo, porque o Brasil vivia um período que ficara conhecido como populismo e, dentro desse contexto, apesar da permanência do ‘coronelismo, clientelismo e mandonismo’¹⁴ em escala menor, a grande massa popular, em especifica a urbana, é que passava a ser evidenciada, vista pelo Estado personificado na figura de um líder. Todavia, foge de nossa pretensão se aprofundar no conceito de populismo, no entanto, possui em suas fileiras determinada característica que nos serve para análise do objeto em estudo, sendo ela a noção de “carisma” protocolizada a um líder.

Segundo Ângela de Castro Gomes (2001, p.25-26), em trabalho que buscou delinear as origens do populismo no Brasil a partir da década de 50, elencou três os elementos que caracterizam o populismo em seus estudos: “[...] um proletariado sem consciência de classe; uma classe dirigente em crise de hegemonia; e um líder carismático”, Assim sendo, esse último elemento é o que nos interessa a luz da perspectiva em foco, isto é, ser carismático envolve certas qualidades pelo ator político que o condiciona a obter certo grau de aceitação e credibilidade diante da relação com o eleitorado que o envolve.

O aspecto central do próprio carisma reúne tantos outros fatores que o determina, todavia, vale salientar a natureza simpática, a aproximação com o povo e o discurso persuasivo abrangente no ator político social em cena. Portanto, Ronaldo, fruto dessa conjuntura política, social e econômica de redemocratização pós-Estado Novo, nos dá pistas de sua encenação estratégica política quando em 1962, ano no qual fora candidato a Deputado Estadual, cita um verso por improvisado no desfecho da eleição:

¹⁴ Para saber mais sobre os três conceitos destacados vide: LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil** – 2. ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1975.

1962

Pedindo votos, de graça,
nova eleição eu disputo.
Não dispondo de reduto,
eu saí de praça em praça.
Viola, verso, cachaça,
coisas bem do meu agrado,
percorri todo o Estado,
litoral, sertão, caatinga,
na base do pinga-pinga
fui eleito Deputado.
(LIMA, 2004, p. 52)

Em análise ao discurso político acima remonta as práticas ronaldianas de um cotidiano eleitoral ligado a espetacularização de suas apresentações eleitorais, que o legitimava como pertencente às camadas populares, suas atuações tangenciavam a vida boêmia campinense, bem como, sua aproximação junto às massas, muito embora, estivesse ligado a uma linha sucessória de grupos oligárquicos, seus atos populares, o conferia a certa aceitação pública confirmada assim nas urnas, em 1962 Ronaldo tornou-se o Deputado Estadual mais votado pelo PTB, conseguindo 3.796 sufrágios a favor, segundo Josué Sylvestre (1988, p. 379).

As apostas por parte do diretório petebista na candidatura de RCL não foi em vão, a expressividade de Ronaldo só aumentava na vida política campinense e paraibana. Sua performance enquanto ator público não se limitava apenas em encenar, mas, também, em se fazer e atuar junto ao eleitorado e em outras esferas da sociedade, pois, certa vez, no exercício da atividade advocatícia Ronaldo recorreu a poesia num caso de natureza jurídica que tomara bastante repercussão e notoriedade, em meados da década de 50, redigiu uma petição em versos intitulada “habeas-pinho” requerendo a soltura de um violão, como nos conta o próprio Ronaldo:

“[...] fui procurado por um amigo que foi preso e autuado em flagrante, porque estava fazendo uma serenata. Imagine, que insensibilidade, o sujeito ser preso porque foi enquadrado como perturbador do sossego público. Ele pagou a fiança, mas o delegado ficou com o violão. Fez o inquérito e mandou para a justiça. O inquérito acompanhou o violão como instrumento do crime [...] então compus essa petição, do “habeas-pinho”, que era para liberar o violão, e consegui com o despacho do Juiz Dr. Artur Moura, que deferiu concedendo a liberdade”. (LIMAb, 2014, p. 269)

E assim Ronaldo elaborou a petição para liberar o violão intitulado de “Habeas-Pinho” da seguinte forma:

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da 2ª Vara desta cidade:

O instrumento do crime que se arrola
 neste processo de contravenção,
 não é faca, revólver nem pistola
 é simplesmente, doutor, um violão.

Um violão, doutor, que na verdade,
 não matou nem feriu um cidadão.
 Feriu, sim, a sensibilidade
 De quem o ouviu vibrar na solidão.

O violão é sempre uma ternura,
 Instrumento de amor e de saudade.
 O crime a ele nunca se mistura
 Inexiste entre ambos afinidade.

O violão é próprio dos cantores,
 dos menestréis de alma enternecida
 que contam as mágoas que povoam a vida
 E sufocam as suas próprias dores.

O violão é música e é canção,
 é sentimento, é vida, é alegria,
 é pureza, é néctar que extasia,
 é adorno espiritual do coração.

Seu viver como o nosso é transitório.
 Mas seu destino, não se perpetua.
 Ele nasceu para cantar na rua
 e não pra se arquivo de cartório.

Mande soltá-lo pelo amor da noite
 que se sente vazia em suas horas,
 pra que volte a sentir o terno açoite
 de suas cordas leves e sonoras.

Libere o violão, Dr. Juiz.
 Em nome da Justiça e do Direito.
 É crime, porventura, o infeliz,
 cantar as mágoas que lhe encham o peito?

Será crime e, afinal, será pecado,
 será delito de tão vis horrores,
 perambular nas ruas um desgraçado,
 derramando na praça as suas dores?

É o apelo que aqui lhe dirigimos,
 na certeza do seu acolhimento.
 Juntada desta aos autos nós pedimos
 e pedimos também DEFERIMENTO.
 (LIMA, 2014, p. 270-71-72)

A poesia era intrínseca aos atos de Ronaldo, uma vez que, suas múltiplas identidades (líder estudantil, advogado, boêmio, político e poeta) só para citar algumas, estabelecia, sobretudo, uma conexão com a sociedade paraibana acerca de um ator social no qual supria “todos os gostos”, todavia, o universo político campinense instituía as bases ideológicas que o guiava, portanto, seguir os indícios da formação cultural política de Ronaldo é caminhar na

historicidade do seu tempo e lugar, decifrando assim os dilemas e as composições sociais que se delineavam, de modo que, José Octávio de Arruda Mello em um de seus clássicos – História da Paraíba – (2002, p.228), afirmou;

“(...) Ronaldo Cunha Lima é o que se denomina liderança híbrida: de origens argemiristas, cujo PTB integrou, como vereador em campina grande no início da carreira, possui lampejos populistas, embora a postura pessoal o aproxime da classe média”.

Conforme intitulou José Octávio uma liderança o petebista Ronaldo seja qual fosse o setor social, o início dos anos 60 marcaria uma verdadeira efervescência política ideológica tanto no campo do poder institucional quanto na luta por melhorias sociais.

Embora outros fatos dividissem a atenção nessa agitação política de 1960, como o fortalecimento das ligas camponesas e sua diversa atuação no âmbito nordestino tendo como bandeira maior a reforma agrária, não chamaram tanta atenção, a nível nacional, quanto o desfecho da renúncia do presidente do Brasil Jânio Quadros eleito em 03 de outubro de 1960 e, por conseguinte, da posse do então vice-presidente João Goulart que estava ameaçado em não assumir o cargo, por essa razão se formou varias frentes por todo Brasil defendendo o cumprimento da constituição intitulada de “o movimento da legalidade”.

Sendo que, na Paraíba não foi diferente, assim nos relata Sylvestre:

“A renúncia do presidente Janio quadros (25/8/61) teve ampla repercussão em campina grande em face ao clima de permanente politização e de mobilização da comunidade, que era mantido pelas lideranças nacionalistas em franca ascensão, nas entidades estudantis e nas organizações sindicais. Tão logo foi divulgada a notícia essas lideranças se movimentaram em função da defesa da legalidade democrática, programando manifestações cívicas sem qualquer cor partidária”.

(SYLVESTRE, 1988, p. 337)

E, nesse cenário de grande mobilização política, na câmara municipal campinense destacava-se Ronaldo Cunha Lima em sessão anunciada pelo jornal Diário da Borborema (1 set.1961) em sua primeira página política com o seguinte tema:

CAMARA DE VEREADORES

Deliberativo municipal em permanente vigília cívica na defesa da Constituição

Com as galerias repletas de estudantes e populares, a câmara realizou mais uma sessão ontem à tarde – Homenageado o Gov. Leonel Brizzola – Discurso de Ronaldo da Cunha Lima – (Jornal Diário da Borborema, 1 set. 1961).

Portanto, assim como a manchete apregoa, Ronaldo, diante da platéia desejosa por escutar quem se revele, toma a direção do atuar publicamente frente aos problemas e aparições políticas.

O período em destaque sofreria rupturas bruscas que mudariam a conjuntura política brasileira de forma drástica, ou seja, João Goulart após uma tumultuada posse ao cargo de presidente da república quando em função da renúncia de Janio Quadros, o país é surpreendido com a intervenção nacional por parte dos militares em maio/abril de 1964, razões essas que não cabem em nossa pesquisa, todavia, em especial, a política campinense e paraibana sofreria mudanças estruturais burocráticas incalculáveis já que quem ameaçasse a ordem vigente estabelecida era alcançado pelas cassações partidárias e políticas além do controle partidário e instituição do bipartidarismo, bem como, da repressão física e psicológica.

Traçando um panorama das páginas que se seguiram e as que estão por vir se faz perceber os elementos basilares os quais Serge Berstein referencia em sua obra dando ênfase aos canais de difusão da cultura política, ou seja, a centralidade do poder não se configura apenas na instituição política ou no político, ele permeia por todo o seio social como anuncia a seguir:

“É provável que isso se dê através dos canais numerosos e difusos da socialização política. A família, o sistema de ensino, o serviço militar, os locais de trabalho e sociabilidade, os grupos ou associações e as mídias vão aos poucos inculcando temáticas, modelos, argumentações, criando assim um clima cultural que prepara para aceitar como natural a recepção de uma mensagem de conteúdo político. A força de uma cultura política está em difundir seu conteúdo por meios que, sem serem claramente políticos, conduzem no entanto a uma impregnação política”. (BERSTEIN, p. 39, 2009)

A prática política de Ronaldo abrange espaços sociais que sutilmente o constrói socialmente e politicamente, é uma relação ampla, múltipla, onde determinado grupo social se faz integrar ao longo do tempo.

Em concordância ao que expôs Serge Berstein está à contribuição de Francisco Falcon ao acentuar temporalmente um novo olhar que a história política empreendeu a novos métodos e objetos que surgiam nesses deslocamentos do poder, vejamos:

“A historiografia política passou a focar, nos anos 70, a Microfísica do poder, na realidade as infinitas astúcias dos poderes em lugares históricos pouco conhecidos dos historiadores – família, escola, asilos, prisões, hospitais, hospícios, polícia, oficinas, fabricas etc.; em suma no cotidiano de cada indivíduo ou grupo social”. (FALCON, p. 118, 1997)

Portanto, analisar a construção histórica de Ronaldo Cunha Lima pelo o binômio da história política e da cultura política nos leva a verdadeiras investigações não só no campo da razão, mas também através de fenômenos múltiplos, como diria Serge Berstein (1988, p. 359) “A verdadeira aposta está em compreender as motivações que levam o homem a adoptar este ou aquele comportamento político”.

Quando a ditadura militar se instala, Ronaldo Cunha Lima exercia o cargo de deputado estadual, logo, é nesse contexto no qual o próximo capítulo enveredará com enfoque para as duas mais atuações eleitorais nos pleitos de 66 e 68, deputado estadual e prefeito respectivamente os quais Ronaldo disputara, com vistas a analisar seu comportamento político buscando encontrar vestígios que nos faça entender, mesmo que de forma modesta, mas, significativa, a marca “Cunha Lima” construída e cultuada por grupos sociais campinense.

CAPÍTULO II

ENREDOS DE UM PERÍODO EM EBULIÇÃO 1964: RONALDO NO LIMIAR DA DITADURA

2.1 Entre as lideranças petebistas, novos espaços novas identidades

O período inicial da década de 60 anunciava certa trama histórica com implicações no corpo social e institucional da sociedade brasileira. O contexto em questão está ligado aos inúmeros acontecimentos desencadeadores do movimento militar instaurado em março/abril de 1964 sob a égide de alguns segmentos sociais que se sentiram ameaçados tanto pela política populista de Jânio Quadros e João Goulart quanto pelos movimentos sociais que se arregimentavam em busca de melhores condições de trabalho, salários e do desejo incansável de luta pela famigerada reforma agrária, grupo social esse intitulado de as ligas camponesas. Afirma Paulo Giovanni Antonino Nunes (2010, p. 281) “Sua principal bandeira de luta era a Reforma Agrária Radical”.

No plano internacional, após o fim da 2ª Guerra Mundial, a tensão recaía sob os EUA (Capitalista) e URSS (Comunista) que passaram a liderar seus respectivos sistemas econômico e político em busca de legitimação e de combate ao outro. Assim, o Brasil alinhava-se com o bloco capitalista cujo objetivo era de conter os ideais comunistas.

Pois bem, esse breve passeio por alguns movimentos políticos e sociais que antecederam o golpe de 64 nos mostra a noção histórica do não isolamento dos fatos sociais, e sim, do quanto estamos ligados numa rede de tramas e interesses, contudo, ressalvo que não é nosso objetivo se aprofundar em tal assunto, mas dá contextualização ao trabalho que se segue.

Na superfície da política local em Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima, agora Deputado Estadual eleito nas eleições realizadas em 07 de outubro de 1962, se depara com a ordem democrática sendo substituída pelo autoritarismo das Forças Armadas ao depor o presidente João Goulart e a tomada do poder em 1964.

Antes disso, Ronaldo havia tido enorme participação política para com a posse do então vice-presidente da República João Goulart em função da renúncia do presidente Jânio Quadros em (25/8/61) onde grupos conservadores e militares tentaram impedir que Jango assumisse o governo. Momento pelo qual se formou grande movimento nacional em prol da legalidade democrática, ou seja, líderes políticos por todo o país de partidos distintos

reivindicavam que a constituição fosse cumprida e que João Goulart fosse empossado Presidente da República, deveras ocorrera à posse em 07 de setembro, porém com poderes limitados ao presidente já que o Congresso Nacional através de sua cúpula política conseguira instituir, por meio de uma emenda, o parlamentarismo como novo sistema de governo, segundo Josué Sylvestre (2013, p. 69).

Desta feita, ao mesmo tempo de sua posse como Deputado Estadual em janeiro de 1963, Ronaldo juntamente com algumas lideranças do PTB campinense declinaram por defender a volta do presidencialismo acerca do *referendum* posto em votação naquele mesmo ano e que levaria o Brasil a decidir por qual sistema de governo escolher (Presidencialismo/Parlamentarismo). Diante desse quadro acima, José Octávio nos apresenta a atuação de Ronaldo;

“[...] Ronaldo desdobrou-se, por meio de conferências, proclamações e panfletagem que ajudaram o presidencialismo a se impor por 18.722 a 1967 votos, na Rainha da Borborema. No Estado, o presidencialismo totalizou 178.630 sufrágios contra 19.432, do parlamentarismo”. (MELLO, 2015, p. 73).

As atuações Ronaldianas se notabilizavam não só pelo caráter político-partidário demandada pelas circunstâncias de ordem política, mas, sobretudo também, por sua formação acadêmica de bacharel em Direito graduado pela Faculdade de Direito da UFPB com sede em João Pessoa, como mostra a imagem a seguir;

Imagem nº 4 Formatura de Ronaldo Cunha Lima



(Fonte: Fundação Casa de José Américo)

A fotografia de Ronaldo na ocasião de sua formatura em dezembro de 1960, se revela não como um mero registro de uma prática cotidiana ao final de uma jornada acadêmica, mas, também, vem assim afirmar o mais novo lugar social de atuação, bem como, estabelecer a marca de uma identidade institucional capaz de gerar poder.

Em face da conjuntura social, política e econômica que se formara em torno do antes até a instalação do movimento militar em 64, Ronaldo Cunha Lima atuara frente a esses aspectos buscando protagonizar o papel de liderança política seja em que esfera pública estivesse operando.

Como as grandes lideranças petebistas a nível municipal viviam ausentes, ora pela própria agenda política ora por se aterem aos seus afazeres pessoais, recaiam sobre Ronaldo as demandas campinenses de ordem de comando designadas ao PTB local.

De modo que, a geografia urbana de Campina Grande com vistas em seus espaços de apresentação e notabilidade política se fazia sentir a presença de Ronaldo, pois o ser político, advogado, professor, poeta e radialista constituíam as bases da imagem ronaldiana pela qual se formava no universo político social campinense e paraibano num primeiro plano. Assim, em um de seus poemas Ronaldo nos apresenta um dos seus lados;

RADIALISTA

Também fui radialista,
aumentando a extensa lista
de uma faina abecedária.
Numa rádio – a Borborema,
uma crônica ou um poema,
era obrigação diária.

(LIMA, 2004, p.39)

A descrição do poema faz com que a análise perpasse a fronteira da arte e nos conduza a refletir sobre o não dito, o que está implícito..., isto é, utilizar-se de uma emissora de rádio era se projetar politicamente, ganhar visibilidade cujo alcance sonoro além de atingir uma enorme camada popular influenciava no modo de vida da sociedade, conforme anuncia Flavianny Guimarães de Oliveira:

“Na época em que apresentava o Clube do Papai Noel, Éraldo César foi convencido por Ronaldo Cunha Lima a candidatar-se para vereador de Campina Grande junto com a candidatura de Ronaldo para prefeito. O locutor afirmou que ser eleito vereador por causa de um programa de rádio sem

gastar dinheiro não foi brincadeira, foi uma prova do poder que o rádio exercia na época e, principalmente, a Borborema responsável por ditar costumes e padrões de vida à sociedade campinense”. (OLIVEIRA, 2006, p. 117).

Nos períodos eleitorais era comum as emissoras de rádios através de enquetes realizadas junto a população campinense influenciarem a Opinião Pública favorecendo esse ou aquele candidato que tivesse maior vinculação junto a emissora com vistas a se consagrar vencedor no pleito eleitoral.

E, Ronaldo articulado com seu diretório petebista ganhava cada vez mais notoriedade e status de liderança, na medida em que, Nilton Rique, empresário campinense, ao se declarar candidato pelo PTB a prefeito de Campina Grande nas eleições municipais de 1963, conseguia realizar um vultoso investimento financeiro e estrutural na campanha eleitoral, alcançando assim o apóio midiático, da elite dominante, dos intelectuais e de grande parte da massa votante, que, ao final do pleito o elegeu vencedor.

É nesse arcabouço das ações de Ronaldo que partimos de variáveis diversas em compreensão a cultura política que o norteia, reforçando nossa idéia faço uso do sentido que o doutorando, a época, Sérgio de Sousa Montalvão (2007, p. 3) em trabalho realizado para conclusão do semestre (Cultura Política: História e possibilidades de um conceito) descreveu: “falar de cultura política é perceber a política como uma visão de mundo, como uma atitude perante o mundo que se expressa no agir, no falar, no vestir, gesticular”.

2.2 RONALDO: Reeleição e a Ditadura em marcha

Após o movimento militar ocorrido em Março/Abril de 1964, que depôs o presidente João Goulart e instalou no poder as Forças Armadas, constatava-se um cenário político apreensivo cheio de expectativas para com os desdobramentos que viriam no país.

Ronaldo Cunha Lima se encontrava como deputado estadual e, numa das primeiras medidas realizadas do governo militar recém alojado foi de estabelecer medidas de cassação do mandato e perca dos direitos políticos por dez anos daqueles políticos aos quais fossem ou tivessem alguma ligação de alinhamento comunista, amparada pela lei de segurança nacional.

A nível nacional as cassações de mandatos e dos direitos políticos acabaram sendo uma prática recorrente de o governo militar, uma vez que na Paraíba não fugiu a regra, alguns

deputados e suplentes paraibanos se tornaram alvos dos militares, de acordo com o enunciado do jornal Diário da Borborema no qual destacava a seguinte manchete:

ÍTEGRA DO PROJETO DE CASSAÇÃO DOS MANDATOS

“Na última reunião da Assembleia Legislativa da Paraíba, realizada anteontem, foi proposta a cassação dos mandatos de quatro deputados.

A proposição, encabeçada pelo snr. Joacil de Brito Pereira, está assim redigida:

Projeto de Resolução. Dispõe sobre a perda de mandatos e dá outras providencias

Art, 1,º – E’ declara perda dos mandatos dos deputados Francisco de Assis Lemos e Langstein Almeida e dos Suplentes Figueiredo Agra e Agassiz Almeida, todos da legenda do Partido Socialista Brasileiro [...]”. (Jornal Diário da Borborema, 9 abr. 1964, p. 3).

O cenário era de enorme apreensão e instabilidade política, a Assembléia Legislativa da Paraíba servia, a princípio, de canal para as ações dos militares, enquanto isso, o Deputado Ronaldo Cunha Lima era assim designado para compor a comissão especial de avaliação dos Deputados citados a cassação, diz a nota no jornal Diário da Borborema:

Terça-feira, serão cassados mandatos de quatro deputados comunistas: mais dois na expectativa

JOÃO PESSOA. 9 (DA SUCURSAL) – Durante a sessão matinal de ontem, o plenário da Assembléia Legislativa da Paraíba apreciou, o projeto que determina a cassação de mandatos dos deputados comunistas a exemplo do que está ocorrendo em todo o país. A comissão especial constituída de cinco deputados para apreciar o projeto, tem a seguinte constituição, José Fernandes de Lima (PSD), Ronaldo Cunha Lima (PTB), Antonio Gadelha (UDN), José Lira (PSB) e Waldir dos Santos Lira (PDC) [...]. (Jornal Diário da Borborema, 10 abr. 1964).

A informação sugere que Ronaldo, num primeiro momento, gozava de plena confiança junto aos correligionários assim como dos líderes do governo na Assembléia. O prestígio social e político de Ronaldo só aumentavam, ele conseguia transitar em meio aos inúmeros segmentos sociais da vida campinense, senão dizer paraibana, com desenvoltura e aceitação na lida com o povo e, sobretudo, com a elite dominante. Para confirmar tal informação o Jornal Diário da Borborema, através de uma fotografia, flagra Ronaldo em cerimônia de homenagem a Desembargador junto de outras personalidades da política local;

Imagem nº 5 Ronaldo em cerimônia de homenagem



(Imagem do Jornal Diário da Borborema de 05/03/1964, p. 7)

No centro da imagem está Ronaldo que, assim como os demais, parece terem sido pego de surpresa pelo autor da foto ao registrar o fato, o momento aparenta descontração em meio ao consumo de bebidas e comidas, Ronaldo com um copo na mão, foge o olhar para algo que o chamava a atenção, talvez, estivesse a escutar apenas quem se encontrava presente a sua frente, de modo que ao assumir a centralidade da mesa vem a demarcar o prestígio que o carregava.

Outro momento de visibilidade e exposição que o projeta simbolicamente numa personagem política aceita pela sociedade paraibana ocorreu quando o Jornal Diário da Borborema lançou uma nota no dia do aniversário de Ronaldo o parabenizando, com a seguinte descrição;

“Aniversaria, hoje, o deputado Ronaldo da Cunha Lima (foto) representante de Campina Grande na Assembléia Legislativa do Estado. Muito jovem ainda o dep. Ronaldo é uma das mais fecundas inteligências do nosso Estado, poeta de grande inspiração. Alguém já o definiu como uma abelha; produz o mel de uma graciosa poesia e ferroa os adversários quando em defesa dos interesses da comunidade. Começou sua vida pública, como vereador em nossa cidade onde teve uma atuação desgarrada e brilhante. Antes de concluir o mandato, o povo

mandou-o para a Assembléia Legislativa, onde reedita a sua atuação no Legislativo Municipal.

Autor de vários poemas, inclusive e já famoso “Esquina da Flórida”, o aniversariante preza de uma grande simpatia de toda a cidade e de irrefutável popularidade.

Pertencente à tradicional família paraibana, pelos seus méritos de homem público o snr. Ronaldo da Cunha Lima é um dos mais fortes candidatos a deputado federal no próximo pleito de 1966”. (Jornal Diário da Borborema 18 mar. 1964).

A exposição que o jornal faz de Ronaldo opera no discurso do individuo ideal capacitado para assumir os cargos públicos, legitimado pelo povo que o confere ser o melhor para a sociedade. As referencias postas como poeta, popular, inteligente o valida diante de um público alvo atingido pelo o Jornal Diário da Borborema de circulação diária, sendo que ao final, o periódico realiza certa projeção de Ronaldo ao cargo federal na condição de homem público credenciado por sua ascensão política dotado de qualidades ímpares.

Não se sabe até que ponto essa última informação veiculada corresponde ao desejo petebista em lançar Ronaldo candidato a deputado federal, sobretudo, porque havia outros concorrentes a altura postulante ao cargo.

Antes mesmo de decidir quem disputaria o quê, Ronaldo, por motivações de relacionamento com membros do próprio PTB, anuncia sua renuncia a liderança petebista na Assembléia, ao passo que o jornal Diário da Borborema no caderno de (NOTAS POLÍTICAS) escrito por Ademar Martins, nos apresenta tais alegações:

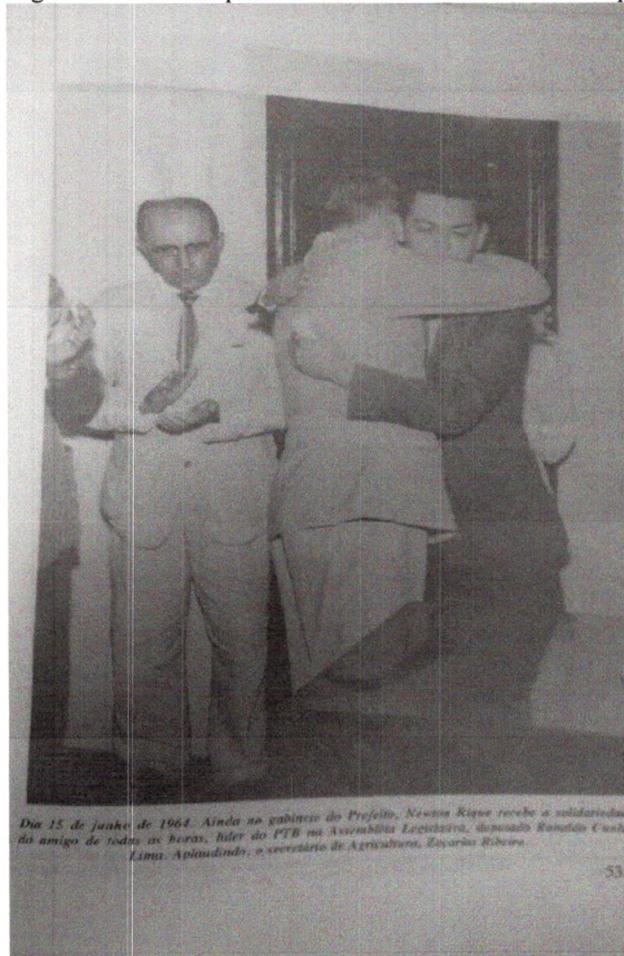
“[...] o sr. Mario Bandeira, candidato a prefeito de Cacimba de Dentro, foi agredido, esta semana, em uma das salas da Assembléia, pelo deputado José Maranhão. O agredido é tio do deputado Ronaldo Cunha Lima. Ronaldo ao ter ciência do fato, se dirigiu, imediatamente, a João Pessoa, onde proferiu um veemente discurso de protesto, classificando a agressão de injusta e violenta. Estes fatos, somados a outros que já vinham se desenrolando nas hostes petebistas, levaram o jovem parlamentar campinense a renunciar à liderança de sua bancada e se declarar sem compromisso com o PTB na Assembléia”. (Jornal Diário da Borborema 06 jun. 1964).

Ao que parece às lideranças petebistas não tomaram nenhuma atitude acerca da prática agressiva cometida por José Maranhão e, com isso, Ronaldo decide punir indiretamente o partido, talvez, naquele momento, embora outras possibilidades não devam ser descartadas, Maranhão, possivelmente, tenha “vencido” essa batalha interna.

O silêncio do jornal em não apresentar o motivo do conflito entre José Maranhão e o tio de Ronaldo causa estranheza, pois mesmo diante de tantas versões que possam surgir do fato, parece que o Jornal Diário da Borborema resolveu alimentar determinado juízo de valor, expondo apenas um lado dos acontecimentos.

Após o desenrolar desses episódios, Ronaldo assiste o seu amigo pessoal e companheiro político, o prefeito de campina grande, Newton Rique ser cassado pelo movimento mjlitar em 14 de junho de 1964, data esta que causou enorme expectativa aos políticos campinenses, pois se tratava do prazo final das ditas cassações realizadas por todo país, embora Newton Rique tenha buscado o alto comando militar e se certificado de que seu nome não estaria na lista de cassados, com a divulgação, isso não veio a se confirmar. Todavia, a imagem a seguir sintetiza a solidariedade de Ronaldo para com o prefeito deposto:

Imagem nº 6 Ronaldo prestando solidariedade a Newton Rique



(SYLVESTRE, 1988, p. 533)

A foto nos aproxima de um ambiente, no dia seguinte no gabinete do prefeito, cercado de muita tristeza e despedidas, o lenço na mão de Ronaldo ao abraçar Newton Rique representa o momento de comoção que se abateu em Campina Grande pelo grupo ligado as fileiras do agora prefeito cassado.

Apesar das ações vigorosas patrocinada pelo comando militar em torno das cassações e perseguições, Ronaldo se via tranqüilizado embora tivesse participado de movimentos em favor do ex-presidente João Goulart.

Presidindo esse cenário, após as eleições para governador em outubro de 65, sediado apenas por onze estados da federação, as Forças Armadas instituíram a extinção dos partidos políticos num pacote de medidas viabilizado através do Ato Institucional nº 2 (AI-2). A partir de sua decretação em 27 de outubro de 1964, por razões que não iremos nos aprofundar, formaram-se assim no país dois grandes canais de representações sociais denominadas de ARENA – Aliança Renovadora Nacional – esse de cunho situacionista, e, o MDB – Movimento Democrático Brasileiro – de feições oposicionista.

No que pese o controle partidário a junta militar esperava realmente é ter definido seus opositores, ocasião essa a qual Ronaldo fora fiel ao seu escudeiro político o Senador Argemiro Figueiredo em ingressar no MDB, conforme nos mostra José Octávio de Arruda Mello:

“No denominado trabalhismo argemirista, somente o grupo campinense do Senador Argemiro, Venâncios de Cuité e ex-prefeito da capital, Miranda Freire, filiaram-se ao MDB. É certo que os primeiros compreendiam, além do próprio Argemiro, o filho Petrônio, genro Orlando Almeida, irmãos Cunha Lima (Ronaldo, Ivandro e Fernando) [...]”. (MELLO, 2010, p. 51).

Os quadros do diretório municipal campinense do MDB se formavam com vistas às eleições legislativas de 66, instituído o bipartidarismo, os cargos eletivos diminuiriam ou/e sofreriam maior concorrência, desta feita Ronaldo era estimulado a disputar o cargo federal e, que tinha pela frente, a concorrência no próprio partido na pessoa de Petrônio, filho de Argemiro, tão logo, as eleições aproximavam e com ela suas indefinições, Ronaldo e Petrônio decidiram em reunião deliberar sobre os fatos, em acordo firmado entre ambos, Josué Sylvestre relata a solução acordada:

“Pragmáticos e companheiros de longa data, analisaram prós e contras e chegaram à conclusão de que seria muito arriscado saírem os dois para a área federal. As condições de disputa eram mais ou menos equivalentes. Inegavelmente, Ronaldo tinha mais carisma do que Petrônio, porém este, como filho do senador Argemiro Figueiredo, político prestigiado em várias regiões do Estado, possuía melhores condições de firmar dobradinhas com candidatos à Assembléia. A conversa não foi longa. Ronaldo tomou a iniciativa de dizer a Petrônio que ele tinha preferência para o passo mais largo e que os dois deviam marchar unidos, em parceria. Assim fizeram. Petrônio se elegeu deputado federal com 17.809 votos e Ronaldo voltou para a Assembléia com 8.871 sufrágios, como o estadual mais votado daquele pleito. Foram candidatos pelo MDB – Movimento Democrático Brasileiro”. (SYLVESTRE, 2013, p. 377)

A reeleição de Ronaldo como sendo o Deputado Estadual mais votado só confirma ainda mais sua liderança e popularidade campinense, a afirmação sugere que tal atuação política ronaldiana tenha despertado os olhares dos militares enquanto uma possível “ameaça” para a manutenção da ordem vigente, já que ser oposição e vencer um pleito eleitoral diante das circunstâncias postas tornava-se um prenúncio de vigilância, para tanto, Ronaldo em um verso, a seguir, formulou o que viria a ser o ano de 1968, no quesito projeção política:

1966

No ano de sessenta e seis,
fui candidato, outra vez,
e outra vez fui eleito.
Esperançoso e afoito,
aguardei sessenta e oito
e a disputa pra Prefeito.
(LIMA, 2004, p. 52)

Ele só não aguardava pelas conseqüências, viabilizada pelo governo militar, após vitória na disputa pra Prefeito em 68.

2.3 Desempenho, Vitória e Cassação

Quando o ano de 1968 se apresenta, veio junto com o sonho do Deputado Estadual Ronaldo C. Lima de ser candidato a prefeito de Campina. Após três mandatos consecutivos Ronaldo elevava ainda mais a pretensão de governar a cidade que um dia o nomeara como sua. As práticas políticas de Ronaldo se tornavam cada vez mais aparente, não obstante, está o fato de a cultura política compreender algumas possíveis razões que impulsiona o individuo a comportamentos diversos, assim, nos assevera Serge Berstein quando em apontamento a Cultura Política cita (1988, p. 363) “revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos actos dos homens num momento da sua história”.

O diretório emedebista campinense liderado por Petrônio de Figueiredo tinha pressa em anunciar os candidatos para as disputas municipais haja vista os situacionistas ter saído à frente ao lançar o populista Severino Cabral, político influente e de muito prestígio que já havia sido prefeito de campina e deputado estadual, como candidato estando seus

correligionários em constante divulgação nos espaços sociais relevantes da sociedade campinense, a saber, por exemplo, na imprensa e no Largo da Flórida¹⁵.

Em agosto, após entrevista concedida ao jornal Diário da Borborema, Ronaldo confirma sua candidatura a prefeito;

“A oposição campinense está unida, coesa, forte e preparada para a luta. Dois nada significavam se vem do mesmo lado. Já vencemos o governo, no pleito senatorial de 1966, quando derrotamos seu candidato Aluizio Afonso campos, e vamos vencer de novo. Esta não será uma luta entre nomes, mas de idéias”. (Jornal Diário da Borborema, 08 ago. 1968)

Tão logo se confirmou a candidatura de Ronaldo, dar-se início a montagem estrutural para campanha eleitoral de 68. Apoderar-se de uma emissora de rádio era peça fundamental na paridade das forças, pois o opositor Severino Cabral se encontrava acertado com a rádio Borborema, Vital do Rêgo, também candidato e opositor, com a Cariri e havia reservado a rádio Caturité.

Os organizadores da campanha de Ronaldo sabendo que a rádio Caturité não tinha fechado o negócio com Vital do Rêgo, esperaram ansiosamente pelo prazo dado ao grupo de Vital, assim, como ninguém apareceu na data e hora prevista dirigentes da rádio Caturité fecha com Ronaldo, conforme Sylvestre (2013, p.141-142).

O rádio era o principal meio de comunicação que se fazia atingir a grande massa naquele momento. A difusão dos ideais políticos norteava os discursos dos grandes líderes políticos campinenses, a esse respeito Oliveira (2006, p. 83) confirma nossas alegações quando cita um trecho de sua obra ressaltando o seguinte:

Segundo o locutor Ary Rodrigues, esses horários eram comprados pelos partidos para a transmissão de passeatas e comícios ou para a programação em estúdio com candidatos e os seus seguidores. Sobre esse fator o radialista Éraldo César diz que “os espaços tinham que ser pagos e era caríssimo. Para fazer política ou você tinha um nome de projeção muito grande ou teria que ter dinheiro”. (OLIVEIRA, 2006, p. 83)

Ronaldo reunia condições econômicas e projeção política para tal e, ligado ao grosso da população campinense (re) formulava a assistência do seu eleitorado com inúmeras aparições informais nas áreas periféricas de Campina Grande, assim, José Octávio em sua obra biográfica de Ronaldo apresenta tais sinais:

¹⁵ Largo da Flórida corresponde o que é hoje o “Calçadão” no centro de Campina Grande. Para saber mais informações ver: CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. **Discursos e imagens da cidade: O processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000)** – João Pessoa, 2011.

[...] Frequentador do Bar Luzeirinho, em João Pessoa, e de clubes da periferia, em Campina, nos quais gostava de dançar, comparecia aos distritos e municípios da zona satélite, para almoços domingueiros, onde apreciava galinha de cabidela e buchada, puxadas a uma boa pinga. Na zona urbana, sua principal base era o bairro da Liberdade. Levava, assim, existência amena, despojada de vaidades e politicamente rentável. Frequentava, com bastante assiduidade, a batizados, crismas, casamentos, velórios, enterro e missas, participando, por vezes, num mesmo dia, de mais de um desses eventos. (MELLO, 2015, p. 110)

As ações ‘populistas’ de Ronaldo beiravam o cotidiano mais simples das pessoas, criando, contudo, uma produção de memória coletiva na qual tende a perpassar de geração em geração as práticas e discursos acerca de tal fenômeno político.

Campina Grande como segundo maior colégio eleitoral da Paraíba detinha todos os holofotes voltados pra si acerca do pleito de 68, sobretudo, devido à falta de eleições municipais na capital quando o governo militar decidiu naquele ano decretar que só haveria eleições nas cidades com população inferior a duzentos mil habitantes, concentrando-se quase todas as lideranças políticas na região campinense.

Com isso, Ronaldo em campanha tratou de inovar, realizava comícios relâmpagos por toda cidade a fim de atingir o maior numero de pessoas com suas propostas de governo e discursos poéticos que, em sua grande maioria, encantava as platéias, já que era recorrente por parte de Ronaldo improvisar versos ao discursar, conforme nos mostra o jornal Diário da Borborema em sua Coluna “POLÍTICA & POLÍTICOS”:

NOVIDADE – A campanha do deputado Ronaldo Cunha Lima, nesses últimos dias, vem apresentando uma interessante novidade. E o fato novo reside justamente na realização de comícios relâmpagos nos bairros, cuja organização, convocação e discursos ficam a cargo, exclusivamente, de senhoras e moças. (Jornal Diário da Borborema, 05 nov. 1968).

Quanto mais se aproximava o dia da votação mais as campanhas eleitorais envolvendo emedebistas e arenistas intensificavam suas passeatas, comícios, encontros e participações na mídia dentre outras ações junto aos vários segmentos sociais. De acordo com o jornal, Ronaldo havia formado uma ala feminina voltada para atuações em comícios relâmpagos nos diversos bairros campinenses, mudando substancialmente a geografia dos encontros, causando certa aproximação de pessoas as quais o acesso ao grande comício não reunia condições de comparecer.

Segundo Mello (2015, p. 118), algo bem do agrado de Ronaldo era ser levado até o palanque nos braços dos eleitores que, ao ser avistado no meio do povo, em pleno comício, faziam verdadeiros festejos incentivados por pessoas ligadas a membros que cuidavam de sua campanha. Podemos assim reforçar o que foi exposto através da imagem a seguir:

Imagem nº 7 Ronaldo em comício



(Fonte: Fundação Casa de José Américo)

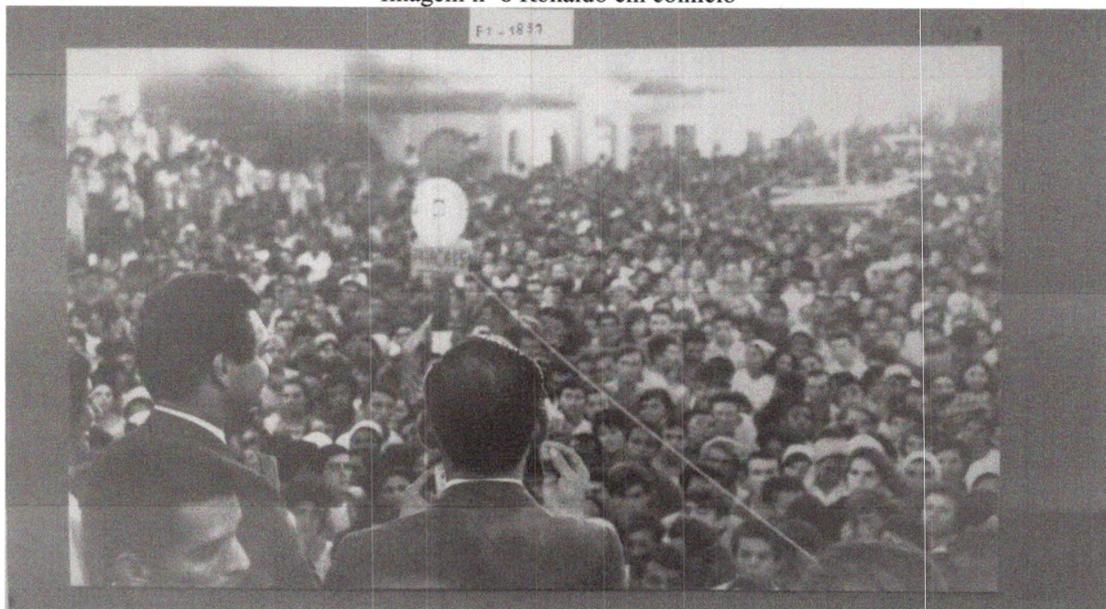
Não há identificação do autor da fotografia, contudo, ela, muito embora, seja um pedaço de um acontecimento congelado historicamente, proporciona e condiciona a reflexões variadas, sua produção destina a uma cena de positividade ao captar Ronaldo numa condição de “veneração” aonde o povo simboliza, através de cartazes e sinais com as mãos, a finalidade de representar o personagem em destaque.

Na perspectiva de Mello (2015, p. 118) Ronaldo utilizava um linguajar suave no enfrentamento da campanha de acordo com a descrição abaixo:

“Recorrendo a argumentação mais política que social, antes local que nacional e menos ideológica que partidária, verberava a pressão fiscal sobre Campina Grande, a falta de investimentos na cidade e a carência de serviços públicos. O que nele mais empolgava era o fraseado romântico de quem subia aos palanques nos braços do povo e, imediatamente, começava a falar, somente então se dirigindo à multidão”. (MELLO, 2015, p. 118)

As estratégias utilizadas por Ronaldo para vencer a eleição eram muitas, buscar a legitimidade popular implicava reunir esforços em todos os campos possíveis de atuações, nesse movimento Ronaldo se fazia representar por numerosos grupos sociais (Mulheres, Estudantes, parte da Classe Média, Periférica e Intelectual). A ilustração da imagem que se apresenta dialoga com os discursos antepostos na medida do seu alcance ideológico, vejamos:

Imagem nº 8 Ronaldo em comício



(Fonte: Fundação casa de José Américo)

Muito dos comícios eram transmitidos ao vivo pelas as emissoras de rádio. Nesse ocorrido em 1968, nos falta sinais que confirmem o local, na parte esquerda da foto há um grupo de pessoas que denotam estarem em uma escadaria, possivelmente de uma igreja, ao passo que os demais espectadores se mostram atentos para a pessoa que discursa bem como pra Ronaldo. A imagem sugere que a multidão estava a esperar RCL a discursar seus versos livres improvisados.

Diante do embate ideológico entre ARENA e MDB com vistas ao cargo municipal campinense, aconteceu um episódio que definiria os resultados das eleições de Campina prevista para 15 de novembro de 1968.

Antes da convenção emedebista que formalizaria seus três candidatos a prefeito e respectivos vices, sucedeu certa dissidência entre líderes políticos da ARENA, ou seja, o então deputado Vital do Rêgo que disputaria as eleições municipais pela situação arenista rompe e, busca no MDB espaço para sair candidato a prefeito, como nos mostra SYLVESTRE anunciando os fatos:

“[...] crescia na Arena o veto de Cabral e seus amigos à candidatura de Vital. Escanteado no seu partido, sem numero suficiente de diretorianos para reagir à vontade irremovível de Cabral, Vital do Rêgo começou a buscar alternativas para as suas dificuldades fora do ambiente arenista. A legislação eleitoral não era rigorosa quanto a atual. Havia possibilidade de trocar de legenda antes das convenções, e o deputado fez um dos movimentos estratégicos mais ousados de sua agitada vida pública: procurou o tio, o senador Argemiro, com quem ele e seu pai – o major Veneziano – estavam rompidos politicamente há mais de dez anos. Surpreso com a procura do sobrinho, dr. Argemiro escutou alguns companheiros mais chegados e deu

sinal verde para a filiação de Vital ao MDB e à conseqüente candidatura a prefeito”. (SYLVESTRE, 2013, p. 138-139)

Baixado os ânimos da confusão causada por Vital do Rêgo em se desligar de uma agremiação e ir para a outra, Ronaldo apresenta em verso o transcorrer final da eleição após votação:

1968

(Campanha municipal)

I

Eram seis, no total, os candidatos.
Bravos, fortes de ardis, intimoratos,
numa luta ferrenha e desigual.
Parecia, até mesmo, um desatino,
eu querer enfrentar Osmar de Aquino,
Plínio Lemos, Estênio e “seu” Cabral!
Além de tudo, para completar,
numa mesma legenda enfrentar
o formidável talento de Vital.

II

E mais difícil se fez essa contenda
com o advento da sublegenda,
novidade da lei eleitoral
que somente admitia a vitória
àquele que vencesse a somatória
dos votos das legendas do rival.
A disputa foi mesmo uma “Coisa Linda”,
e muito mais bonita foi, ainda,
minha homérica vitória no final.
(LIMA, 2004, p. 53)

Ronaldo, ao final da apuração dos votos, consagrou-se vencedor do pleito, muito embora tivesse obtido menos votos do que seu concorrente direto o governista Severino Cabral, na contagem geral das legendas fora eleito. Conforme Quadro apresentado por Josué Sylvestre abaixo:

RESULTADOS DO PLEITO DE 1968 PARA PREFEITO

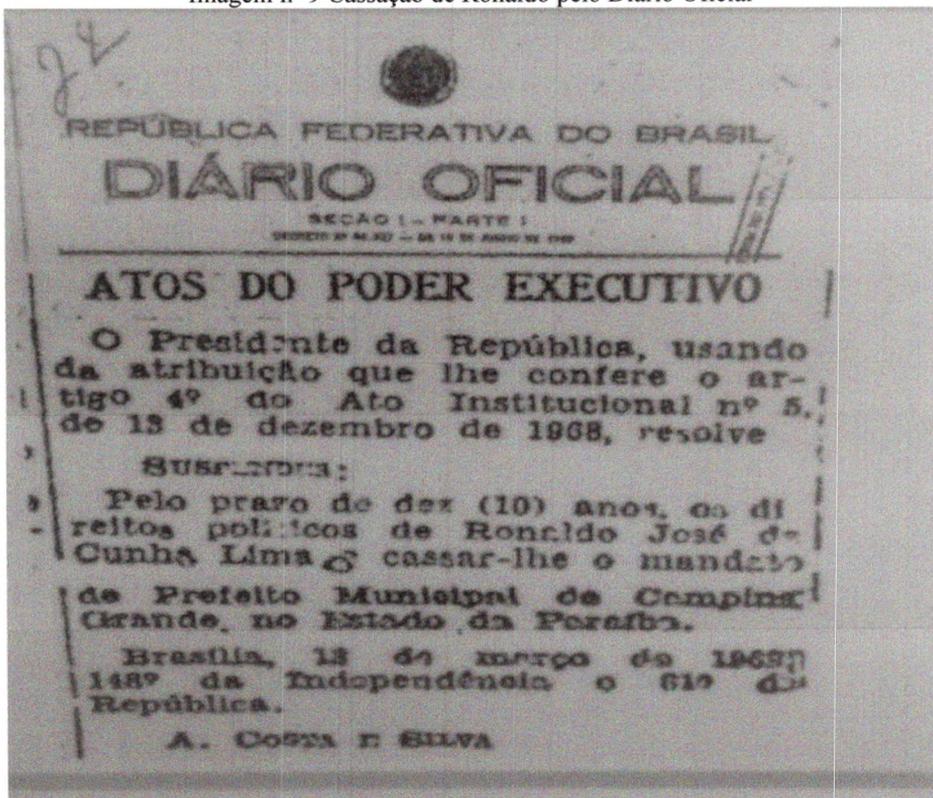
MDB I – Ronaldo Cunha Lima (vice Orlando Almeida)	13.429 votos
MDB II – Osmar de Aquino (vice Figueiredo Agra)	312 votos
MDB III – Antônio Vital do Rêgo (vice Langstaine de Almeida)	8.715 votos
Total	22.456 votos
ARENA I – Severino Cabral (vice Raymundo Asfora)	17.568 votos
ARENA II – Plínio Lemos (vice Evaldo Gonçalves)	635 votos
ARENA III – Stênio Lopes (vice Amaury Vasconcelos)	241 votos
Total	18.444 votos
Diferença pró MDB	3.712 votos
Vantagem de Ronaldo sobre Vital	4.714 votos

(SYLVESTRE, 2013, p. 144)

Portanto, ao final se tem uma eleição onde a estratégia política ronaldiana vencera a pujança econômica cabralista, anunciada no silêncio dos bastidores quando “misteriosamente” Vital do Rêgo deixa o grupo arenista e se filia a oposição.

Pouco menos de dois meses após tomar posse em 31 de janeiro de 1969, Ronaldo tornou-se alvo de vez do governo militar que ao lançar as redes do Ato Institucional nº 5 (AI-5) no dia 13 de março do mesmo ano, cassam o mandato e suspende os direitos políticos por 10 anos de Ronaldo Cunha Lima, como nos mostra a transcrição do anúncio pelo Diário Oficial do Congresso em imagem abaixo:

Imagem nº 9 Cassação de Ronaldo pelo Diário Oficial



(Fonte: Fundação Casa de José Américo)

As razões que levaram a cassação de Ronaldo pelo comando militar permanecem mascaradas, no entanto, Mello (2015, p. 98) aponta como um dos motivos a participação de Ronaldo, na qualidade de secretário geral, em subscrever em 1963 a proclamação da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). Documento de cunho Democrático e esquerdizante.

Ronaldo agora exilado passa a fazer morada no eixo Rio-São Paulo, lugar que fez da advocacia seu ofício. Mesmo distante RCL protagoniza um acontecimento de enorme repercussão e de visibilidade nacional quando ao participar do programa intitulado “O Céu é o

Limite” apresentado por Jota Silvestre, na rede Tupi de televisão, programa esse de perguntas e respostas, acabou que respondendo a todas as perguntas corretamente as quais faziam referencia ao poeta Augusto dos Anjos que tanto Ronaldo adorava desde infância, segundo José Octávio (2015, p. 147).

Por fim, de volta a Campina Grande na década de 80, Ronaldo Cunha Lima recupera seu espaço de poder político alicerçado na sua performance discursiva, ao passo que em 1982, agora filiado ao PMDB, antigo MDB, Ronaldo candidato vence novamente o pleito municipal para prefeito em Campina Grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise em torno de Ronaldo Cunha Lima evidencia um “resgate” do passado no qual surgem lacunas deixadas pelo o caminho passíveis de serem exploradas, é um limite que nos condiciona a produções acadêmicas sempre abertas a novos olhares, a novas perspectivas.

Partimos da premissa em compreender quais os elementos da cultura política fez-se construir o legado do poderio político ‘Cunha Lima’ ao longo do tempo em Campina Grande, tendo como alvo principal de nossas reflexões, Ronaldo Cunha Lima, que foi objeto de nossa pesquisa com vistas em nossas inquietações.

Tais constatações nos permitem num primeiro plano diagnosticar a formação social e política de Ronaldo as quais ele se utilizou para sua escalada de vida política traçando caminhos que o levou a ascensão política de uma região. A política e a poesia no seio familiar de RCL o cativaram, apesar da morte do pai no ano de 1945, que era seu maior referencial, momento em que toda família já se encontrava morando em Campina Grande, Ronaldo, como homem do seu tempo, foi levado pelas circunstâncias do movimento estudantil muito ligado a política a época.

Ronaldo bastante jovem já se fazia circular em determinados espaços sociais como era o caso do CEC – Centro Estudantil Campinense - lugar que reunia e formava muitas lideranças políticas e que o projetaria para a vida pública com especial destaque para a veia poética que carregava bem como há utilizava todo instante.

A política desde o fim do governo de Getúlio Vargas em 1945, passara por uma reconfiguração nos quadros partidários que constituía a novas mudanças que a urbe impunha. Campina Grande crescia e, com ela, seu eleitorado e as novas formas de relações políticas em detrimento de uma elite rural que perdia espaço. É preciso entender esse novo momento político urbano para certamente contextualizar e situar Ronaldo como sendo decifrador dos códigos sociais na medida da lida com o povo e atuações diversas.

Ronaldo se revestia de inúmeras estratégias para conseguir seus objetivos político-sociais. Aparentar-se popular representava fazer parte do povo como se existissem os mesmos anseios e mesmo ideal político, sobretudo, porque o discurso poeta de Ronaldo agregava tanto a população geral, incluindo trabalhadores, desempregados etc., quanto à elite que o cercava.

No nosso modo de entender, Ronaldo era expansivo e buscava ocupar espaços diversos na política e na vida sempre com a intenção maior de lhe proporcionar projeção, era um orador nato de feições poéticas que atraía para si as atenções. Quando em comícios fazia o

jogo com a platéia de incluí-los nos seus versos de improviso, logo aumentava ainda mais a empatia junto ao eleitor.

Quando veio o golpe militar de 1964, Ronaldo já havia disputado duas campanhas eleitorais a de vereador em 59 e a de deputado estadual em 62, a qual exercia o mandato. No início do governo militar Ronaldo parecia conviver bem politicamente com a cúpula governista, já que não fora citado em nenhum momento nas listas de cassações elaboradas pela ditadura, foi por um bom tempo líder do PTB na Assembléia Legislativa, utilizava dos meios discursivos como construção da imagem política legitimadora.

É bem verdade, que esse é um período o qual percebemos certo silenciamento dos acontecimentos sociais quando não se estava em disputas eleitorais pelos os meios de comunicações, a destacar os jornais. Para tanto as aparições de Ronaldo pela imprensa escrita se fazia notar, seja por ganhar notória visibilidade política ao longo de sua curta carreira política ou simplesmente por se destacar na campanha de 1966 tentando a reeleição onde acabou sendo o deputado estadual mais votado na Paraíba pelo MDB – Movimento Democrático Brasileiro – único partido de oposição ao regime após implantação do bipartidarismo.

Assim, não há como precisar o momento que o governo militar passou a perceber Ronaldo como sendo uma ameaça à ordem posta, pois a eleição para prefeito de Campina Grande em 1968 tornava-se menos provável vitoriosa pró-Ronaldo. O que percebemos no desfecho dessa eleição foi à “inexplicável” saída do candidato Vital do Rêgo da ARENA, partido da situação, e sua ida para a chapa de Ronaldo apoiá-lo, uma vez que, Vital foi o terceiro candidato mais votado, Ronaldo o segundo e Severino Cabral da situação o primeiro, no entanto, na soma das legendas Ronaldo acabou eleito.

Em nossas investigações percebemos que Ronaldo ao vencer a quarta eleição seguida despertou a “ira” dos militares, pois pouco tempo de assumir a prefeitura em 1969 fora cassado pela ditadura. Compreendemos a cassação do mandato e da suspensão dos direitos políticos por dez anos de Ronaldo, assim como, o exílio em outra cidade, um acontecimento que só o projetou ainda mais politicamente frente à comoção popular que o vira partir de Campina Grande, cujo seu retorno na década de 80 só confirma o que deliberamos, pois candidato em 1982 Ronaldo foi eleito prefeito outra vez.

Como tentamos mostrar, em linhas gerais, que os diagnósticos detectados na formação de um determinado comportamento político de larga expressão, que é o caso de Ronaldo, para o coletivo, perante a sociedade campinense, esbarram em variáveis diversas que diante do

conjunto de elementos culturais conseguimos entender e compreender os caminhos e trajetórias da construção da marca “cunha lima” presente até os nossos dias.

Por fim, a análise empregada a Ronaldo José da Cunha Lima anula conferir-lhe exaltação. Assim o fortalecimento de sua imagem, as várias identidades sociais, os discursos lúdicos, as atuações públicas, o poeta e o político, o ser do povo, o carisma, entre outros aspectos, davam sustentabilidade aos ideais políticos e objetivos de um projeto em curso e, que, por um breve momento foi interrompido em 1969, porém teve seu curso retomado em 1980. Portanto, são comportamentos que se constroem e por isso não devem visto com olhar inocente, mas puramente crítico.

REFERÊNCIAS

- BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, (1998, p. 349-364).
- _____. Culturas políticas e historiografia. In: Orgs. Cecília Azevedo... [et al.] / **Cultura política, memória e historiografia** – Rio de Janeiro: Editora FGV, (2009, p. 29-46).
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador** / Marc Bloch; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FALCON, Francisco. História e Poder. In: **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia** / CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, (1997, p. 97-138).
- GOMES, Angela de Castro. “O populismo e as ciências sociais no Brasil”. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (2001, p. 17-57).
- JULLIARD, Jacques. “A Política” in: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História – novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LIMA, Ronaldo Cunha. **Eu, nas entrelinhas: Extratos e retratos de minha vida** / Ronaldo Cunha Lima: João Pessoa: Forma Editorial / Gráfica JB / 2004.
- LIMAb, Diogenes da Cunha. **Ronaldo Cunha Lima: um nordestino de todo canto.** / Diogenes Cunha Lima. – 1. Ed. – Fortaleza: Editora IMEPH, 2014.
- MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: Lutas e Resistência** / José Octávio de Arruda Mello. – João Pessoa: A UNIÃO, 2002.
- _____. **Da resistência ao poder: o (P) MDB na Paraíba (1965/99)** / José Octávio de Arruda Mello. – Campina Grande: EDUEPB, 2010.
- _____. **Ronaldo Cunha Lima: a trajetória de um vencedor (1936-2007)** / José Octávio de Arruda Mello. – João Pessoa: Ideia, 2015.
- MONTALVÃO, Sérgio de Sousa. CULTURA POLÍTICA: História e possibilidades de um conceito. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.) / **Caderno de resumos & Anais** / 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, (2008, p. 3).
- NUNES, Paulo Giovanni Antonino. A quebra da ordem constitucional e a ditadura militar no Brasil. In: Orgs. Edna Maria Nóbrega Araújo... [et al.] / **Historiografia e (m) diversidade: artes e artimanhas do fazer histórico**. João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, (2010, p. 278-294).

OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de. Rádio e política em Campina Grande. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa (org.) / **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande** – EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, (2006, p. 73-121).

PORTAL FEB - Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/felix-araujo-uma-vida-dedicada-ao-povo> - Acesso em: 15 Mar. 2017.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René. (Org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, (1996, p. 13-36).

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **Entre Práticas e representações: O Centro Estudantil Campinense como espaço de formação (1948-1964)** / Ajanayr Michelly Sobral Santana – Campina Grande, 2015.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

SILVA, Iolanda Barbosa da. **A construção espetacular do personagem político Ronaldo José da Cunha Lima** – João Pessoa/PB, 2009.

SYLVESTRE, Josué. **Nacionalismo & Coronelismo: Fatos e Personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964)** / Josué Sylvestre. – Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. **Meio século de vida pública sem mandato ou com?** – Fatos e personagens da História de Campina Grande e da Paraíba – v.1 (1950-2000) / Josué Sylvestre. – Campina Grande: Latus, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. ENTREVISTA. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 2012. **Revista Brasileira de História**. Vol. 33, nº 65, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 22 Nov. 2016.

WIKIPÉDIA – Enciclopédia virtual. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarabira> Acesso em 16 Mar. 2017.

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO PESSOAL DIGITALIZADO DO PROFESSOR DR. DA UFCG SEVERINO CABRAL FILHO

Jornal o Diário da Borborema (1959-1968)